

DA FILOSOFIA A FISILOGIA – OS DESCAMINHOS DO DESEJO

Paulo Roberto Bastos Canella¹

FROM THE PHILOSOPHY TO THE PHYSIOLOGY – THE THREADS OF DESIRE

Resumo: O autor discorre sobre as relações entre a filosofia e a fisiologia tentando mostrar que ambas surgiram simultaneamente. Examina o conceito de desejo através da etimologia dos termos que foram usados desde a antiguidade para nomear os diversos tipos de desejo o que sempre esteve ligado a sexualidade salvo na etimologia da palavra no Latim tardio. Finaliza examinando as tentativas de, através da neurociência, encontrar uma tradução “física” para as emoções, motivações, comportamentos depois de discorrer sobre a evolução dos conhecimentos e das metodologias usadas para se chegar a verdades que se revelam sempre provisórias e aprimoráveis.

Palavras-chave: Filosofia; Neurofisiologia; Desejo.

Abstract: The author describes the relationships between philosophy and physiology trying to show that both appeared simultaneously. He examines the concept of desire through the etymology of the terms since antiquity to name several types of desire always linked to sexuality except in the etymology of the word in late Latin language. He concludes, through the neuroscience that he could find a “physical” translation for emotions, motivations, behaviors through the evolution of the knowledge and of the methodologies used to come to truths that are always revealed temporal and to be better.

Keywords: Philosophy; Neurophysiology; Desire.

I

A filosofia para muitos, passou a integrar-se com a fisiologia a partir da afirmação de Thales de Mileto (640-548 aC) – “Tudo é Água”. Esta simples

¹ Professor Titular do Instituto de Ginecologia da UFRJ; Livre Docente de Ginecologia da UFRJ; Membro do Conselho Consultivo da SBRASH.
e-mail: canella@gineco.ufrj.br

afirmação continha nos primórdios do século VI aC, a substituição das verdades expressas através dos mitos que eram transmitidos pelos Sábios, pela idéia de que a verdade devia ser buscada pelo conhecimento das transformações, pela pesquisa da verdade que poderia estar encoberta aos nossos sentidos. Segundo Nietzsche, Thales diz algo sobre a natureza das coisas sem usar imagens e fábulas e traz a afirmação de que “Tudo é Um”. O conceito grego dos filósofos então chamados de físicos que amavam a sabedoria, que buscavam a verdade era o de *aleteia*. O desvelamento. Para alguns, a busca da verdade ultrapassava a *gnose*, a sabedoria dos sábios herdada dos Magos, e se fazia pela *episteme*, a viagem ao encontro do saber, o que hoje chamamos ciência.

O Desejo abrigava etimologia muito variada no saber grego. *Oresis*, *orégo*, *orgué*, *orgasmus*, *aphrodisia*, *cúpio*, *van*, *ven*, (palavras surgidas de *Vênus*), *Imeros*, *libet*, *voluptas*, das quais falaremos a seguir.

O conhecimento dos físicos estava, ou deveria estar submetidos ao bem, ao belo, a virtude (*arete*) e a justiça (*dike*) e encontrava-se na *physis* que podia ser desenvolvida pelo método (*meta* – acima, além e *odos* – caminho).

Devemos assinalar alguns importantes conceitos que entre outros envolviam a busca da verdade pela *episteme*: a teoria (contemplação), o espanto (*thalma*), o saber (*mathein*) a sabedoria (*sophos*) o espírito (*nous*) a paixão (*pathos*), o ser (*stin*), o não ser, etc. Muitos destes conceitos até hoje norteiam a ética necessária ao que se faz através da técnica e sua aplicação pelo método no mundo dos humanos.

Quanto a sexualidade, palavra que não existia no mundo helênico e que segundo Foucault, surgiu no século XIX, para nomear os aspectos sociais e culturais além dos reprodutivos do sexo, viam-se os gregos as voltas com conceitos específicos. *Aprodisia*, *epitunia*, *crisis*, *sophrosine*, *kairos*, que ultrapassavam a simples idéia de sexo natural, alicerçados no coito/procriação/prazer.

Vejamos estes conceitos de contenção, ou melhor de normatização do comportamento sexual na Grécia Helênica:

Aprodisia – o conjunto dos prazeres,

Epitunia – a vontade

Crisis – os regimes

Sophrosine – a temperança, o controle sobre si

Kairos – o tempo oportuno que se mostra na vida (*aion*) que é aferida no tempo que corre (*cronos*)

E agora passemos ao desejo que sempre esteve, como se pode ver pelos conceitos acima, trilhando caminhos que sob a égide de Eros podia facilmente tornar-se descaminhos.

II

O Desejo é um conceito que bem se enquadraria no que disse Santo Agostinho sobre o tempo: “O que é o tempo? se ninguém mo perguntam, eu sei, se mo perguntam, querendo que explique, já não sei” – se substituíssemos o “tempo” por “desejo” na citação do Santo não só o sentido se manteria como ficaria a idéia de que há coisas que sabemos porque sentimos mas das quais nossa razão, nosso intelecto, não consegue ter uma definição precisa. No caso nosso objeto é o de um tipo de desejo, o desejo sexual e mesmo assim a dificuldade em conceituar não se reduz.

Desejamos o que não temos, desejamos manter o que já temos, temos desejos impossíveis de serem realizados, desejamos o amor dos outros, desejamos amar nossos inimigos, desejamos desejar e desejamos deixar de desejar. Sem dúvida, mesmo que saibamos o que é o desejo e o que é desejar não será tarefa precisa escrever sobre o desejo em sua mais primitiva vertente, o desejo sexual.

Tentemos compreender o desejo através da etimologia desta palavra e a seguir vejamos os múltiplos determinantes do desejo em especial no tocante ao sexual quando o desejo é causa, ou fator causal (talvez impulso determinante) da conjugação sexual que através do prazer reproduz a vida e o próprio desejo que ela (a vida) inevitavelmente contém.

Desejo é palavra de origem latina como veremos, mas tem um ascendente Semântico grego, *Oresis, orégo* – desejar, desejo – de cuja raiz surge *orgué* – desejo sexual intenso, mas também, cólera. Desta mesma palavra deriva *orgasmus*, o êxtase da satisfação do desejo sexual. Para Foucault, na experiência dos *Aphrodisia* (da venérea latina) ato, desejo e prazer eram manifestações conjuntas, totalmente unidas embora pudessem ser distintas, o ato estaria associado ao prazer que suscitava o desejo. Neste movimento desencadeado pela “*Physis*” o desejo era sempre um desejo da coisa agradável. Vale assinalar que *Aphrodite* era originalmente a deusa do ato sexual e não do amor, *eros*, referente ao sexual posto que *philos* era amor amizade e *ágape* amor comunhão.

No latim moderno a etimologia da palavra desejo tem outras raízes capazes de ajudar a esclarecer seu conceito. Na sua principal acepção desejo vem de

desiderar que significaria “sem os Astros” ou “sem a direção (proteção) dos Astros” (Di Giorgi, 1990). É curiosa a explicação deste autor: depois da era clássica a palavra que deu sentido ao desejo veio do verbo *desiderase* que resultou no nosso desejar. Relaciona-se com *sidus, sideris* isto é astro, estrela. A explicação para esta relação deriva da linguagem dos adivinhos, dos *aruspices* que interpretavam o futuro na Roma Antiga. Os homens freqüentemente tentavam saber o futuro e os adivinhos consultavam os astros pelo *considerare*, quando um homem se desesperava, quando não tinha mais o que queria e desistia de consultar os astros por julga-lo inútil, quando ele desistia dos astros, era o *desiderare* quem não tinha o que queria, desejava. O desejo é sempre daquilo que está ausente.

O autor também faz distinção entre *cúpio* (eu desejo), de onde deriva em nossa língua palavras como cobiça, cupido, concupiscência, gula e gulodice (há uma relação clara entre o desejo de comer, beber e o desejo sexual) e *vênus* cujo significado primitivo era desejo sexual, e mesmo o ato sexual. Da raiz *van, ven*, surgida de *vênus* (a deusa Venus) aparece no português *vênia (data vênia)* – graça, favor. O autor cita ainda o latim *Aerusco* – ir atrás, certamente premido por vontade e/ou necessidade tal que estaria no âmbito do desejar. No entanto me parece que nosso tema, o desejo sexual, estaria ligado a raiz latina de *vênus* com as inevitáveis implicações conceituais do termo helênico *epithunia*, concupiscência, uma classe de apetite.

Do latim *libet* – gostar (com forte sentido erótico) deriva a palavra libido que além do sentido difundido por Freud, dá em português lubrificar. É curiosa a relação de “gostar sexualmente” com “lubrificação” a mais patente reação da excitação sexual feminina

O desejo é uma “faculdade” humana, do âmbito da mente, do psiquismo como também do espírito e da alma que pode manifestar-se por um ato do organismo regulado por motivações, ações e comportamentos. É por este viés que se presume possível analisa-lo biologicamente em cada pessoa e depois induzir estados que seriam comuns aos humanos. A idéia, duvidosa talvez, mas, aceita pelo senso comum prende-se a relações causais nas quais supomos que através de estímulos externos dos sentidos e/ou de lembranças de prazeres inclusive vindos das relações entre humanos (experimentados anteriormente e sincronizados com condições físicas neurofisiológicas) desencadeia-se um ato orgânico cujo objetivo se impõe impulsionado, mediado, pelo desejo. O desejo seria uma força capaz de ser desencadeada, disparada, por múltiplos determinantes, todos conjuntamente ligados para induzir a um comportamento. Unidades de ação/reação na cadeia dos comportamentos.

Aristóteles considera o desejo como uma classe do apetite, como uma potência (vegetativa, sensível, locomotiva, intelectual e alimentar), e não considera o apetite como uma forma de desejo. O desejo poderia ser irracional ou um ato deliberado, a escolha e a preferência seriam um ato deliberado. Platão opõe desejo à razão e considera desejos necessários e desnecessários assim como a possibilidade do desejo pertencer exclusivamente a natureza da alma. No mundo antigo o desejo estava referido a perturbação da alma, a paixão, e assim seria como um obstáculo a razão. Para os estóicos o desejo, junto ao medo, a dor e ao prazer compunha as quatro paixões. O desejo é sempre do que não temos ou que queremos conservar e confunde-se em seu objeto com o amor e o deleite. Assinale-se finalmente a relação entre desejo e necessidade, o desejo é freqüentemente o de satisfazer uma necessidade, mas pode ser mais forte que ela até mesmo negando sua satisfação.

Para Freud o desejo está ligado a trocas “*mnesicas*”, isto é, a memória e se realiza na reprodução alucinatória das percepções que se tornaram sinais desta satisfação. Há desejos inconscientes ligados a signos infantis indestrutíveis do ego e assim conflitos entre duas realizações de desejos que se opõem existindo em sistemas psíquicos diferentes. Freud separa desejo de necessidade posto que para ele a necessidade nasce de um estado de tenção interna e se satisfaz por uma ação específica que fornece o objeto adequado, é o caso da fome e da sede.

Lacan distingue a noção de desejo, de necessidade e de demanda. Demanda dirige-se a “*outrem*” e no fundo é sempre demanda de amor, a necessidade visa um objeto específico e com ele se satisfaz, o desejo fundamenta-se em fantasias e nasceria da defasagem entre demanda e necessidade.

Distinção importante deve ser feita entre desejo e vontade. A palavra vontade é oriunda do *nous* grego e de *volutas* no latim, posto que não é incomum que estes dois termos sejam usados como sinônimos. Basicamente, vontade estaria sob o domínio da razão e dominaria o apetite e sua vertente, o desejo. Seguir simplesmente o desejo, sem submetê-lo a razão, seria estar se deixando dominar pelos impulsos. Para Aristóteles desejo – *orego* – é da ordem do sensível, da concupiscência e vontade da ordem da razão. Desejo e vontade são motores da alma, mas o desejo não a movimenta como a vontade. Assinale-se, no entanto, as possíveis razões da sinonímia, *volup* é um advérbio que significa “em acordo com os desejos”, “agradavelmente”, *volúpia* é a deusa do prazer e *voluptas* é prazer dos sentidos, voluptuosidade, sensualidade.

Filosófica, biológica e psicologicamente algumas questões nos inquietam: parece que os bichos agem como se tivessem desejo, mas podem os animais desejar? Ou desejar é faculdade exclusivamente do homem? Quando teria primazia a mente na determinação do desejo? e nesse caso qual seria o papel do corpo (que contem a mente) neste processo? Quais as relações entre desejo, apetite, necessidade e vontade quando nos propomos a estudar o desejo? De qualquer forma os estudos derivados da neurociência tratam o desejo sob o viés do corpo com seus órgãos sensoriais e verificam sua expressão por “motivação” e “comportamento”. Há, portanto ao tratar o tema além da vertente filosófica, também as vertentes psicológica, biológica e comportamental. Sendo impossível compartimentar o desejo, estas vertentes estão sempre a interligar-se e sobrepor-se quando estudamos esse complexo tema.

III

As vertentes filosóficas, que deram origem a fisiologia, essa que permite o fazer, cederam espaço às primazias da busca metodológica do conhecimento. Já ensaiadas por Aristóteles, dentro de uma relação de causa e efeito primária, a técnica (*ars* no latim) evoluiu para a preponderância do método sobre a ciência, a busca do saber, mesmo após a aceitação da policausalidade dos fenômenos.

Para Aristóteles o saber submetia-se, segundo Lewin (apud. Jurberg, 2000), a:

- Frequência das leis
- Dicotomia
- Variáveis avaliáveis
- Fenótipos
- Explicações por pertencer a classes
- Mudanças derivadas de fatores internos

Já Galeno, ainda segundo o mesmo autor, mudava e complexificava o método da busca desse saber:

- Caso singular com leis próprias
- O contínuo
- Variáveis neutras
- Genótipos
- Explicações pela interação das variáveis
- Mudanças pela interação de fatores internos e ambientais

A separação da mente do corpo, a filosofia do sujeito de Descartes, o “Penso logo Existo” o “Discurso do Método” do poderoso filósofo, a vitória absoluta

do método sobre a ciência (denunciado por Nietzsche e elevada a base do saber por Comte e seu positivismo) é ainda o que fundamenta a instância que pesquisa hoje o desejo através da neurociência.

Emoção, Motivação, Comportamento, Ação seriam a parte mensurável para o conhecimento. As emoções motivando uma ação comportamental, coisa do corpo, do soma. Mas sua manifestação interior, os sentimentos, as sensações interiores, coisas da mente, do psique.

A regulação da vida depende de apetites, vontades, afetos e é possível através de técnicas como tomografia por emissão de positrons (PET), encontrar os setores cerebrais ativados. Aí as esperanças dos cientistas de hoje.

Há inúmeras dificuldades da biologia em definir e conceituar com clareza o que chamamos desejo. Sob certos aspectos os estudos feitos em animais consideram motivação e atração, como os parâmetros mensuráveis que envolveriam as ações e os comportamentos compatíveis com o desejo. Desejo seria a tradução humana para este direcionamento das ações animais investigadas em laboratório. Enquanto na fome e na sede os estímulos internos desencadeiam mecanismos de importância nas ações de satisfazer a demanda por água e alimentos, no despertar de outros desejos, como o caso do desejo sexual, a representação do imaginário, determinada pela influência sócio cultural, é fator relevante para a expressão biológica do impulso sexual. Ter vontade ou desejar copular é diferente de ter desejo de dormir, de desejar correr ou tomar um refrigerante. Podemos dizer que o “tesão” é a expressão máxima do desejo, exatamente por envolver com a mesma intensidade, a ação dos diversos fatores que desencadeiam, modificam ou inibem o desejo sexual.

IV

Traduzir biologicamente o despertar do desejo e em especial o desejo sexual talvez seja mais difícil que as demais motivações observadas na espécie humana. Uma pródiga terminologia (libido, *drive*, interesse, instinto, apetite, impulso, etc.) não tem ajudado no entendimento do despertar sexual inevitavelmente considerado um fator motivacional distinto daquele observado na sede ou na fome. O desejo motiva ou a motivação faz com que tenhamos o sentimento de desejar? Na sede e na fome reconhecemos a existência de um *déficit* a ser suprido, a falta de uma determinada substância na corrente sanguínea registrada no hipotálamo. Por exemplo, no caso da fome, a motivação para a busca de alimento está identificada entre outros

parâmetros, por níveis baixos de glicose no sangue (hipoglicemia), já no caso de sede há, por exemplo, um aumento da concentração sanguínea de sódio (hipernatremia). Estas situações orgânicas de *déficit* são identificadas no hipotálamo sendo registradas no córtex associando-se a uma sensação motivadora de um comportamento específico.

Quanto ao desejo sexual, não se identificou claramente nenhum *déficit* orgânico a ser suprido e que mobilizasse o indivíduo na busca de um parceiro. Ao contrário, é mais fácil admitir o importante papel que pode ser desempenhado por estímulos externos ao indivíduo atuando como desencadeadores da ação/reação produzida pelo desejo. Inclusive o desejo entre pessoas. Haverá um quadro orgânico semelhante em duas pessoas que se desejam? Mas parece que de alguma forma podemos inferir, desde que o indivíduo é um todo, é uno, que haja uma tradução orgânica, biológica, concomitante a ação desencadeada pelo desejo.

Durante anos, à semelhança da atração que observávamos nos animais, atribuíamos aos hormônios a responsabilidade por quase todas as manifestações reprodutivas e sexuais que se processam no nosso organismo. Uma cópia servil das observações nos animais, uma semelhança entre a atração quase irresistível que ocorre no cio e desejo sexual. Não se considerava o sexo, a faixa etária, o componente étnico, a diversidade do “outro” ser desejado, os comportamentos e sensações eram atribuídos aos hormônios de forma indiscriminada. Qualquer coisa era “culpa” dos hormônios!

Estudos recentes tem modificado uma série de conceitos, até então considerados verdadeiros, e que facilitavam a compreensão sobre determinadas alterações biológicas que ocorrem no desejo sexual. Considera-se algumas questões complexas como o papel dos neuro transmissores e o mecanismo de ação das drogas sobre o desejo sexual.

Admitindo que o desejo sexual é um processo biopsicossocial podemos nele encontrar três fatores: o cognitivo, o emocional e o neurofisiológico.

O fator cognitivo é representado pelos pensamentos e imagens mentais, e pela inevitável inserção dos indivíduos no mundo, sofre influências sociais e psicológicas.

A dimensão emocional está sujeita a influências psicológicas e a tradução metabólica destas emoções sendo de grande importância as relações entre desejo sexual e eventuais quadros depressivos onde é possível encontrar estados orgânicos correspondentes aos sentimentos embora não saibamos

quando as emoções alteram o metabolismo e quando o metabolismo altera as emoções. A associação é evidente, mas os mecanismos são duvidosos.

Finalmente o fator neurofisiológico explica as correlações químicas e hormonais com o despertar do desejo sexual. Podemos identificar estados neurofisiológicos específicos no indivíduo sob ação do desejo (cor, batimentos cardíacos, respiração, apetite), mas produzir estas condições artificialmente não provoca o desejo.

Reconhecemos que também no caso da fome, por exemplo, fatores externos aos indivíduos podem funcionar como estimulantes. A apresentação visual do alimento ou seu cheiro serão responsáveis pelo aumento do apetite, há influência na qualidade da fome do indivíduo. O mesmo se dirá do apetite sexual que será mais ou menos aguçado pelos estímulos decorrente das percepções a que estejam expostas as pessoas. Assim, para o despertar sexual, devemos considerar em primeiro lugar os não muitos claros determinantes ligados a neuro farmacologia do desejo e em segundo lugar os mecanismos de percepção sensorial que dele participam.

O desejo sexual é experimentado em forma de sensações específicas que levam o indivíduo a buscar experiências sexuais ou os torna receptivo a elas. Acredita-se que tais sensações sejam produzidas pela ativação de centros específicos localizados em um sistema neural do cérebro, o sistema hipotalâmico. Se esses centros são ativados em animais ele vai sentir-se irrequieto e propenso a desenvolver um comportamento propício a atividade sexual. Se esse sistema permanece inativo o bicho fica em repouso. Esta ativação biológica se faz por ação de hormônios e neuro transmissores. Mas o humano pode controlar esses estímulos, modificá-los, submetê-los a sua vontade.

V

Enfim a neurociência debate-se nas interações orgânicas de motivações, comportamentos, ações diante da falta de finalidade na natureza como postulam Espinosa, Nietzsche e outros muitos filósofos, a finalidade seria coisa dos humanos e não da natureza.

Damásio nos mostra através da imagem de uma árvore que sai da complexidade de sua raiz para o tronco onde estariam as respostas imunitárias, os reflexos básicos e a regulação metabólica, passando para a dicotomia do tronco onde figuram os comportamentos de dor e prazer com seus reforços positivos ou negativos.

Complexificando, Damásio coloca as pulsões e motivações nos galhos, as emoções nas ramagens e sob a ação dos ventos, nos ramos mais finos e nas folhas se revelariam os sentimentos.

Mas é ainda Damásio quem nos alerta que nenhuma das funções da mente humana, percepção, aprendizagem e memória, emoção e sentimento, atenção, raciocínio, linguagem, movimento, tem como base um mero centro cerebral; como a cúpula vegetal das árvores interagindo com o ambiente as incertezas dos sentimentos se fazem sempre presentes. Parece que estamos muito longe de dominar e controlar os (dês) caminhos do desejo, mas não creio que os humanos possam desistir da busca, um dia, quem sabe vamos sentir o que quisermos, insossamente, sem emoções livres.

Referências bibliográficas

DAMÁSIO, A. R. *Em Busca de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O Erro de Descartes (1994)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996.

DI GIORGI, F. “Os Caminhos do Desejo”. In: *O Desejo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade* (I, II, III). Rio de Janeiro: Graal, 1977.

JAEGER, W. P. *A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JURBERG, M. B. “Individualismo e Coletivismo na Psicologia Social: Uma Questão Paradigmática”. In: R. H. F. CAMPOS e GUARESCHI, P. (org) *Paradigmas em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KANDEL, E. R., SEHWARTZ, J. N. & JESSEL, T. M. *Fundamentos da Neurociência e do Comportamento*. Rio de Janeiro: Editora Prentice-Hall do Brasil Ltda., 1997.

KAPLAN, H. S. *Disorders os Sexual Desire and Other new Concepts and Techniques in Sex Therapy*. New York: Brunner and Mazel, 1979.

KAPLAN, H. S. *The Evaluation of Sexual Disorders: Psychological and Medical Aspects*. New York: Brunner and Mazel, 1983.

MASTERS, H. W. & JOHNSON, V. E. *O relacionamento amoroso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MORA, F. *Dicionário de Filosofia*. Barcelona, Editorial Ariel, 1994.

REALE, G. & ANTISERI, D. *História da Filosofia*, São Paulo: Paulus, 2002.